

## Flancos abertos

14 DEZ 1991

Alguém deve ficar de sobreaviso quando um político com a vivência e o retrospecto de sucessos do governador Antônio Carlos Magalhães vem a público para formular críticas como as que dirigiu ao governo Collor.

Primeiro, porque essas críticas não são gratuitas e, ao contrário, se fundamentam em fatos. Depois, porque o titular do Executivo baiano tem o hábito de saber escolher muito bem seus adversários — e não dá murro em ponta de faca. Para bom entendedor...

Ele mencionou, durante jantar com jornalistas políticos, o escândalo das licitações suspeitas. Aqui cabe registrar que o presidente da República adotou dois pesos e duas medidas na reação com que enfrentou aquela realizada no âmbito do Ministério do Exército, para compra de fardamento, da que envolve hoje, por exemplo, na esfera de atuação do ministro Aleni Guerra, a Fundação Nacional da Saúde. Por quê? Eis uma pergunta que há de ficar pairando no

ar, pois só o tempo dará ensejo a que venha a obter resposta.

É grave a acusação do sr. Antônio Carlos Magalhães quando afirma: "A corrupção no governo não é pequena nem média, é macro". E lembrou os episódios lamentáveis que deslustraram recentemente a imagem da Legião Brasileira de Assistência. Ninguém duvide, hoje como ontem, os tubarões que se cevaram nas vantagens do ilícito nessa entidade assistencial escaparão impunes ao rigor da lei, que só atingirá as sardinhas — motoristas, etc.

Poucas vezes se terão registrado na vida pública brasileira declarações tão escandalosas quanto as do deputado Cleto Falcão, ao passar recibo de que usufrui padrão de vida muito superior àquele que lhe permitiriam seus vencimentos como parlamentar, graças a contribuições de amigos. Trata-se de uma confissão deslavada, para dizer o menos. No entanto, continua ele a exercer a liderança do Partido de Reconstrução

## ESTADO DE SÃO PAULO

Nacional (PRN) na Câmara. Talvez seja um dos felizardos que valem pelo que sabem. Não são poucos, de resto, os que se contam pelo mesmo padrão nesta República saqueada.

O governador da Bahia classificou a equipe ministerial de medíocre. Quem o contestaria, de boa-fé? Salvo esta ou aquela exceção, todo o primeiro escalão da administração deixa a desejar, quanto à competência para ocupar cargos de tão alto nível.

Quando se iniciou o quinquênio Collor, por força de inaugurar um mandato cuja legitimidade escorria da manifestação da vontade do povo, e por causa das promessas feitas na campanha eleitoral, o sr. Fernando Collor de Mello dispunha de crédito praticamente ilimitado perante a opinião pública.

Hoje o conceito do governo é extremamente negativo e deve ser debitado em boa parte à pobreza do quadro ministerial, que, salvo as exceções referidas, é paupérrimo.